

CAMINHAR E REPETIR-SE

Maria Nathalia Segtovich formou-se em letras pela UERJ e por lá defendeu sua dissertação de mestrado com o título *Topologia do Abandono*, sobre o *Livro do Desassossego*, de Bernardo Soares, mãe de Jade e esperando por Mariano, atualmente é aluna do programa de pós-graduação da PUC-Rio, doutoranda em estudos de Literatura Portuguesa e inquieta-se com os limites da topologia do existir na escrita do mesmo *Desassossego*. **E-mail:** nathisegtovich@hotmail.com

Resumo

O presente artigo consiste numa leitura do conto *Os Caminheiros*, do escritor português José Cardoso Pires, embebida na idéia de que, nesta escrita, a convocação é: deslocar-se rumo ao outro e o outro a mim. Palavras-chave: testemunho, escrita, outro.

Abstract

This paper consists in a reading of the *Os Caminheiros* story, by the Portuguese writer José Cardoso Pires, imbued with an idea in order that, in this written, the convocation is: shift one's place heading for the other and the other heads me. Keywords: witness, written, other.

Senhor, que nossos olhos se abram!

(Mt 20, 33)

O começo é indeciso, ou talvez, não seja precisamente um começo. O conto *Os Caminheiros* do escritor português José Cardoso Pires adquire, após constatação em leitura, os contornos e cortes de uma grafia que se propõe como uma interrupção do silêncio. Um aumento no tom de um murmúrio que soava distante propicia ao narrador a partilha de seu relato. Ele capta esse murmurar longínquo e incessante, como quem recolhe, apanha e, assim, nos dá a ver e nos concede o partilhar de um instante, o partilhar de um singular acontecimento. Ali, então, a partir desta interrupção, o que antes era murmúrio se converte em diálogo entre dois homens a caminhar; o espaço, então, é inaugurado:

— Antônio Grácio disse: (PIRES, 1949, p. 67)

Do riscado do travessão ao piscar dos dois pontos, nossa leitura passa a percorrer, como os olhos, os sulcos da grafia, na atitude que cabe a quem testemunha. Ou seja, aquele que se coloca como terceiro no instante em que um segredo há de ser velado, digo isto, pois que acato a exortação de Jacques Derrida, em seu *Morada Maurice Blanchot*, o "compromisso de guardar um segredo é um testemunho" (DERRIDA, 2004, p. 28). O compromisso de um sim não-hesitante e incondicional dá-se no momento da leitura, quando, por questão de foro íntimo, acatamos o compromisso de responsabilizar-nos por

aquilo mesmo que nos é dado a ver. E o que vemos: aqueles outros que estão ali, narrados, e que, em alguma medida, são parte de um autor que sabe se reconhecer três frente a um espelho: “Somos três agora. (Sempre fomos, tu é que não reparaste: dois que se olham e um terceiro que os escreve, olhando-se)”. (PIRES, 1991, p. 93).

O autor, ou melhor, o José que se olha ao espelho, se confessa preso à sentença fatigada de George Santayana, filósofo espanhol, que brada: “quem esquece o passado se arrisca a vivê-lo outra vez”. O ponto principal colocado por esta afirmação está na palavra *incapacidade*, muitas vezes omitida nas traduções, tamanha a repetição da afirmativa. Segundo tal pensamento, aqueles que são *incapazes* de lembrar são tidos como possuidores de certo primitivismo ou — ainda que a palavra soe rechaçável — tomados por certa selvageria. O fato é que o homem dotado apenas de instinto, conforme dita a luz opaca que ilumina os pensamentos passadistas, agirá sempre por reflexo e, portanto, será capaz de recair nos mesmos erros, como diria o filósofo citado por José em seu *Fumar ao Espelho* (PIRES, 1991). Era preciso, naquele momento, ainda que sob a regência de toda luta interna entre passado e pessimismo, se resignar à condição imposta pelo poder; se deixar reger pela pedagogia do não esquecer.

Do resultado do embate entre eu, ele e reflexo, entre os pessimismos presentes nesta dura forma do lembrar — o “das carências afetivas” e o outro, o “da superstição pela negativa” — permanece, como testemunha daquele que se escreve, a condição de *fumar-se* (dobrar-se e cindir-se ao mesmo tempo) no exercício de adiar as suas esperanças a fim de criar maiores resistências.

[...] Absolutamente. O pessimismo, se não sabes ficas a saber, sempre teve a ver com carências afetivas [...] Mas há o outro, o da superstição. O pessimismo acaba sempre por funcionar como uma superstição de prudência: prevê o pior para ir acumulando resistências contra o mau, mas sempre na esperança de que o mau nunca venha acontecer. E se acontecer, percebes, também já não perde tudo, ganhou pelo menos a glória da razão. (PIRES, 1991, p. 90)

Resta aquele se vê (ao ver-se vendo) ou se escreve, fazer valer a sua capacidade de se lembrar para pode “futarar”:

Mas fumar ao espelho não é só ver para trás olhando de frente. É também um modo-josé de futurar, para lá do rosto que o repete e que fumea. (PIRES, 1991, p. 90)

Contudo, o que nos interessa aqui é que esse não-esquecimento não advém de uma opressão que encurva, à torquês, os olhares ao passado, e sim, provém de um doce-amargo, esfumaçado e alcoólico, “modo-josé” de repetir-se, observando-se. Repetir-se. Entender o lugar do terceiro ao ver-se vendo, escapa à conotação doentia do “recorda-se para (sobre)viver”. Não, não se trata de um culto ao passado, ao “foi” de prometidas glórias. Apesar do peso dos anos em que se viveu sob um regime cujo culto ao passadismo era vigente como negação de uma realidade de miserabilidade, lembrar-se para poder “futurar”, nesse “modo-josé” de saber-se três ao escrever(-se), configura, consoante à forma com que o leio, a gravidade do testemunho.

Cardoso Pires sabe, ao entrar no percurso da literatura, que aqueles com quem ele partilha uma língua e relatos vivenciaram e, *vivenciam*, no, digamos, instante em que se escreve *Os Caminheiros* um culto doentio ao passado, um regime de silêncio e opressão que trazia em si a ambigüidade da descaracterização parcimoniosa — por isso, dolorida — de todos. De todo um *nós*. Tudo isso embaçava as visões, limitava os espaços a serem percorridos.

O que se pretende, então, de uma leitura do conto *Os Caminheiros*? O que tentamos aqui é tão somente perguntar: é possível achar a medida de correspondência, ou mesmo, de relação prima e extemporânea entre leitura e escrita, a partir do momento em que nos tornamos testemunhas no caminho de Antônio, Cigarra e Miguel e estes, por sua vez, testemunhas de si e entre si? Entendamos, pois, por testemunha todo aquele que, por um instante, pode vivenciar uma partilha. Partilhar no sentido de ter a experiência de uma mesma percepção e, até mesmo, compartilhar de uma enunciação em uma mesma linguagem. De certa forma, então, para mim, testemunhar pode significar caminhar *junto com*, perceber o *outro*: invadi-lo e por ele ser invadido. Entendemos, pois, que, ao ler o conto, a convocação é: deslocar-se rumo ao outro e o outro a mim.

— Antônio Grácio disse:

“Vida dum capado. Almadiçoada seja ela mais aquele que a inventou.”

O companheiro escutou e seguiu: sempre a direito e de cabeça levantada na mesma direcção. (PIRES, 1949, p. 67)

Ora, vemos que o relato que se me apresenta em “Os Caminheiros” está em terceira pessoa do singular, mas que, em certa medida, se encontra sem pessoa. Esta voz situa-se numa certa neutralidade, e tal possibilita à leitura uma espécie de pacto que viabiliza dizer *nós*. Como assim? *Ele* que narra compactua com o *nós* na partilha de um idioma, ou então, de um relato que

agora por *nós* será conhecido. Partilhamos, somos co-responsáveis, somos, enfim, testemunhas. Assim será? O fato é que se ler implica, de alguma forma, compreender, isto só bastaria para dizer que fora constituído um *nós* que se compromete com aquele que *fala*, no caso, com aquele que possui esta voz sem pessoa e que, contudo, narra .

— Antônio Grácio disse: (PIRES, 1949, p. 67)

Antônio e Cigarra caminham lado a lado, não se olham, até que se chegue ao momento do adeus, frente a frente. Caminham, entretanto, sem que olhem para trás, rumo ao encontro de um terceiro que espera e é, também, aguardado.

O companheiro escutou e seguiu: sempre a direito e de cabeça levantada na mesma direcção. De vez em quando estendia a bengala a tactear o asfalto.

“O teu compadre garantiu-te que vinha?”, perguntou.

“Que vinha, não. Nós é que íamos ter a casa dele. O que se combinou foi isso.”

“Nesse caso ...”

“Foi isso”, repetiu Antônio Grácio. “Comprometeu-se a esperar por nós toda a tarde.” (PIRES, 1949, p. 67)

Em *Os Caminheiros* a idéia do caminhar incessante, num lugar que soa distante, um sem onde, alhures, suscita a impressão de um gerúndio infindo. Apesar de conhecida, a metáfora “a vida é uma estrada” ganha requinte do novo e da diferença em linguagem literária. Sobretudo o caminho torna-se mais que versão de sentido entre estrada-vida quando se torna inelutável ao conhecimento — quando se testemunha — que em qualquer dos dois vocábulos há sempre uma linha de força que conduz as significações a algum tipo de espera. Cigarra e Antônio perfazem um caminho que se configura numa topologia de esvaziamento e abandono, contudo, ainda que paradoxalmente, a reta é atravessada pelos enleios que nos remetem ao próprio gesto de leitura: angústia — porque não detemos o que vemos — e esperança — se pensarmos que o estado de espírito do pensamento representativo nos atravessa e faz da escrita uma crença vigorosa no real (seja lá o que se entenda por real).

Esvazia-se todo preenchimento geográfico desse caminho que parece se apagar a cada passada; cada avanço dos dois homens ao encontro do terceiro para quem Cigarra, resignado, será vendido, inaugura um novo marco à frente que, contudo, não é nunca o de chegada. E se dissemos que o começo é indeciso, mais parda ainda é a garantia de que haja a possibilidade de um

destino a ser cumprido, ou, ainda que exista, ele é (será) sempre adiado. Onde o Retiro? Onde se dará a cantoria de Cigarra cuja voz é sempre um indício de silêncio?

“Que marco era, Tóino?”

O companheiro voltou-se para trás:

“Marco nove. Não tarda muito, entramos noutro quilômetro.”

“E o Retiro?, tornou Cigarra, Ainda falta muito para o Retiro?”

“Aí uma hora. Mas antes disso apanhamos as árvores.”

[...]

A voz soou triste, distante. Uma vez que o homem avançava de rosto impassível, a voz era como um segredo que ele lançasse para a distância e fosse adiante, a abrir-lhe caminho, até o ponto desconhecido para onde parecia apontado. (PIRES, 1949, p. 70-72)

Abandona-se a segurança do estável: o verbo é *caminhar*, ou, declinando no tom da angústia-esperança, a locução *estar caminhando* é a condição de acontecimento do conto. Homens desalojados abandonam-se, assim, na amplitude de um todo que começa no nada e parece ir a lugar algum.

— António Grácio disse:

“Vida dum capado. Amaldiçoada seja ela mais aquele que a inventou.”

O companheiro escutou e seguiu: sempre a direito e de cabeça levantada na mesma direcção.

[...]

Passado o tempo, achava-se ainda sentado à beira da estrada quando sentiu que alguém o puxava brandamente pelo braço:

“Amigos, vamos ao Retiro?”

Era ao anoitecer e não ouvia pássaros nem gente a sua volta.

“Sim”, murmurou ele. “O Retiro.”

E levantou-se. (PIRES, 1949, p. 67-8)

Cardoso Pires articula a linguagem de ficção simulando nela o que seria uma espécie de impossibilidade do fim, ainda que haja os cortes, a tensão, ou mesmo a dinamicidade e brevidade que a forma do conto propicia. O narrado, o dito, parece prosseguir a um local determinado, onde, provavelmente, o leitor tentaria encontrar as respostas; no entanto, a leitura constata que essa cartografia é borrada: o que parece ser o caminho a seguir toma contornos daquele que constitui um retorno. O pacto é cumprido, porém a “traição” não parece efetivada no momento em que Miguel assume, em verdade, o lugar de Tóino — o outro se desloca até mim. Maior que qualquer gesto traidor, o que

assombra em *Caminheiros* é o acontecimento que testemunhamos: a constituição paulatina e dolorida da perda. O que há, em verdade, é uma volta, um recomeço angustiado e de atmosfera rarefeita: não há conforto para ninguém.

Cigarra sorriu. Fez um arabesco com a bengala e a mão tremeu-lhe. Tinha a voz do companheiro no ouvido. “O meu compadre é um gajo unhaca, verás.” E também essa voz tremia. Então quis dizer o que fosse, mas só consegui agarrar-se ao Grácio e abraçá-lo com força, com tanta força que o peito lhe doeu como se lhe tivessem tirado todo o ar. (PIRES, 1949, p. 87)

Da linha que se contorce em voltas em *Os Caminheiros*, em *Fumar ao Espelho* encontramos a sua teoria, pois que do ato de leitura provém também a simulação do embate especular do *eu*, do outro, do rosto que *me* espreita e que por *mim* é espreitado, portanto, pelo qual *sou* responsável.

Quando menos se esperar, ele aí estará outra vez nesta cadeira e neste lugar, a fazer resumo e projecto de si mesmo, e diga-se de passagem, que não se dá mal assim. Como sempre, não tem angústia nem surpresa porque vai encontrar alguém que amanhã, dia comum, recomeça de novo a vida na primeira linha do capítulo que segue.

Aqui tens, José, o homem que te interroga. Que te fuma e te duvida. Que te acredita. (PIRES, 1991, p. 93-4)

Essa dobra entre fim e começo, ou melhor, fim e começo em dobra, um sobre o outro, sulca, então, na escrita ao “modo-josé” — alcoólico, esfumaçado — de “futurar”, seu doce-amargo desiderato: esquecer para (sobre)viver. Como? Continuando, escrevendo-se, continuando.

“Sim”, murmurou ele. O Retiro.
E levantou-se. (PIRES, 1949, p. 88)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PIRES, José Cardoso. **Os caminheiros e outros contos**. 1949.

_____. **Cardoso Pires por Cardoso Pires**, entrevista de Artur Portela.
Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.

DERRIDA, Jacques. **Morada Maurice Blanchot**. Lisboa: Vendaval, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A Prosa do Mundo**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.